

Entre representação e resistência: o protagonismo negro na literatura infantil contemporânea e a construção de identidades afirmativas

Between representation and resistance: black protagonism in contemporary children's literature and the construction of affirmative identities

Entre representación y resistencia: el protagonismo negro en la literatura infantil contemporânea y la construcción de identidades afirmativas

Hércules Tolêdo Corrêa¹

Gláucia Jorge²

Amanda Cristina Carneiro³

Resumo

Como a literatura infantil pode contribuir para que as crianças negras se vejam com orgulho, beleza e pertencimento nos livros que leem? Que práticas de leitura e mediações literárias são adequadas para que crianças negras possam se ver representadas nessa literatura? A partir da leitura interpretação dos livros *Amoras* (2018), de Emicida, e *O Pequeno Príncipe Preto* (2020), de Rodrigo França, foi identificada a forma como o protagonismo negro vem sendo construído na literatura contemporânea para crianças, promovendo o letramento racial desde a infância. Com abordagem qualitativa e analítico-interpretativa, esta pesquisa articula ideias de estudiosas como Bell Hooks (2017), Neusa Santos Souza (2021), Nilma Lino Gomes (2011, 2012), Eliane Debus (2007, 2013) e Lia Vainer Schucman (2012), que pensam a identidade, a infância e a educação como campos de disputa simbólica e política. As análises consideram elementos como linguagem, enredo e ilustração e propõem possibilidades pedagógicas para o uso das obras em sala de aula, de acordo com a Lei 10.639/03. Conclui-se que histórias plurais com protagonistas negros ajudam a romper com o “perigo da história única”, tal como nomeia a escritora nigeriana Chimamanda Adichie (2019), e promovem a construção de um imaginário mais justo, em que todas as crianças possam se reconhecer e se afirmar no mundo com orgulho.

Palavras-chave: Literatura infantil; Letramento racial; Protagonismo negro.

Abstract

How can children's literature help Black children see themselves with pride, beauty, and belonging in the books they read? What reading practices and forms of literary mediation are appropriate to ensure that Black children can see themselves represented in this literature? Based on the reading and interpretation of *Amoras* (2018), by Emicida, and *O Pequeno Príncipe Preto* (2020), by Rodrigo França, this study identifies how Black protagonism has been constructed in contemporary literature for children, promoting racial literacy from early childhood. Using a qualitative and analytical-interpretive approach, the research articulates

¹ Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Ouro Preto/MG, Brasil. E-mail: herculest@uol.com.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7368-5635>

² Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Ouro Preto/MG, Brasil. E-mail: glauciajorge@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0026-4853>

³ Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Ouro Preto/MG, Brasil. E-mail: aamandacarneiro@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-1443-3219>

ideas from scholars such as Bell Hooks (2017), Neusa Santos Souza (2021), Nilma Lino Gomes (2011, 2012), Eliane Debus (2007, 2013), and Lia Vainer Schucman (2012), who understand identity, childhood, and education as fields of symbolic and political dispute. The analyses consider elements such as language, plot, and illustration, and propose pedagogical options for the use of these works in the classroom, in accordance with Law 10.639/03. The study concludes that plural stories featuring Black protagonists help break with the “danger of the single story”, as described by Nigerian writer Chimamanda Adichie (2019). It also fosters the construction of a more equitable imaginary, one in which all children can recognize and affirm themselves in the world with pride.

Keywords: Children’s literature; Racial literacy; Black protagonism.

Resumen

¿Cómo puede la literatura infantil contribuir a que las niñas y los niños negros se reconozcan con orgullo, belleza y sentido de pertenencia en los libros que leen? ¿Qué prácticas de lectura y mediaciones literarias resultan adecuadas para que las infancias negras se vean representadas en dicha literatura? A partir de la lectura y el análisis interpretativo de las obras *Amoras* (2018), de Emicida, y *O Pequeno Príncipe Preto* (2020), de Rodrigo França, se identifica la manera en que el protagonismo negro viene configurándose en la literatura infantil contemporánea, favoreciendo el desarrollo del letramiento racial desde la primera infancia. Con un enfoque cualitativo y analítico-interpretativo, esta investigación articula aportes teóricos de autoras como Bell Hooks (2017), Neusa Santos Souza (2021), Nilma Lino Gomes (2011, 2012), Eliane Debus (2007, 2013) y Lia Vainer Schucman (2012), quienes conciben la identidad, la infancia y la educación como campos de disputa simbólica y política. Los análisis consideran elementos como el lenguaje, la estructura narrativa y las ilustraciones, y proponen posibilidades pedagógicas para el uso de las obras en el ámbito escolar, en consonancia con la Ley 10.639/03. Se concluye que las narrativas plurales con protagonistas negros contribuyen a romper con el “riesgo de la historia única”, según la formulación de la escritora nigeriana Chimamanda Adichie (2019), y promueven la construcción de un imaginario social más justo, en el cual todas las infancias puedan reconocerse y afirmarse en el mundo con dignidad y orgullo.

Palabras clave: Literatura infantil; Letramiento racial; Protagonismo negro.

Páginas em branco

No Brasil os discursos sobre a identidade negra são recentes e tiveram início a partir das décadas de 1970 e 1980, especialmente após a criação do Movimento Negro Unificado em 1978, como resposta à crescente violência racial e ao racismo estrutural no país durante a ditadura militar. A série brasileira *Cadernos Negros*, que contempla mais de 40 edições publicadas desde 1978, reuniu contos e poemas de escritores negros, estimulando a produção de uma “literatura brasileira negra” (ou “literatura negro-brasileira”, como foi cunhada por

Cuti, 2010). Até então a presença de personagens negros na literatura brasileira era escassa e frequentemente limitada a papéis secundários, estereotipados ou folclóricos.

Até 1920 a literatura infantil disponível no Brasil correspondia à importação de livros europeus, ou seja, os preconceitos enraizados em tais sociedades também eram importados e reproduzidos em solo brasileiro. Monteiro Lobato foi um dos primeiros autores nacionais a escrever obras para o público infantil em nosso país a partir de 1930, mas conforme o pensamento da época, várias delas continham expressões ou falas racistas direcionadas aos personagens negros.⁴

Estudos sobre o acervo do PNBE (Programa Nacional Biblioteca da Escola) apontam que até meados de 2010 menos de 10% dos livros infantis selecionados pelo programa traziam protagonistas negros ou abordavam temáticas étnico-raciais de forma afirmativa (Gomes, 2012) e uma pesquisa da professora e pesquisadora Regina Dalcastagnè publicada em 2018 revelou que entre 2005 e 2014, apenas 2,5% dos autores publicados no Brasil eram não-brancos, 6,9% dos personagens retratados eram negros e em apenas 4,5% das histórias apareciam como protagonistas, evidenciando a exclusão simbólica que pessoas negras enfrentam ao não se verem representadas na literatura.

Essa lacuna reforça a ideia de que por muito tempo a existência negra foi considerada menor - em comparação com a existência dos personagens brancos - ou estava sempre associada à dor e ao sofrimento, como a figura do sujeito escravizado, da mulher subserviente ou do menino travesso com traços folclóricos, o que impacta diretamente na construção da identidade e autoestima das crianças e reitera a necessidade de políticas e práticas que promovam a diversidade e a representatividade racial na literatura infantil brasileira.

Após a criação da Lei 10.639/03 (Lei do Ensino da História e Cultura Afro-brasileira), que estabelece a obrigatoriedade de se trabalhar com a temática afro-brasileira nas escolas, tivemos certo avanço enquanto sociedade em relação ao letramento racial e uma educação antirracista, conceitos que serão explorados mais adiante.

⁴ Não podemos desconsiderar a relevância de Monteiro Lobato e de suas obras para o cenário nacional. Mesmo assim, uma leitura crítica e contextualizada às discussões atuais é necessária. Gouvêa (2005), no artigo *Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica*, pontua que, naquela época, mesmo que os autores tivessem a pretensão de transmitir a ideia de convivência e integração interracial, ao fazê-lo, conferiam características vexatórias aos personagens negros em comparação ao branco, dando denominações diferenciadas de acordo com o “pertencimento” racial dos personagens, questionando e inferiorizando suas competências cognitivas ou culturais, por exemplo (Gouvêa, 2005, p. 88-89).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), documento orientador da educação básica brasileira, também reconhece a valorização da diversidade étnico-racial como um dos fundamentos centrais da formação humana e da prática pedagógica. De acordo com o texto da BNCC: “A educação deve apoiar-se no princípio da equidade, garantindo a todos o direito de aprender, reconhecendo as diferenças entre os sujeitos em seus contextos sociais e culturais e combatendo as desigualdades que atingem, historicamente, parcelas da população [...] de forma a promover a equidade, a valorização da diversidade e a justiça social” (Brasil, BNCC, 2018, p. 8). A Competência Geral 8 da BNCC também propõe que na escola todos os indivíduos sejam acolhidos e valorizados, independentemente de seus grupos sociais, saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza. Essas orientações reafirmam a importância de um currículo que promova o reconhecimento e a valorização da cultura afro-brasileira.

A literatura para crianças e jovens desempenha um papel importante na construção de identidades e no desenvolvimento de percepções sobre o mundo, podendo influenciar na maneira como a criança enxerga a si mesma e o outro. Nos últimos anos as obras infantis têm apresentado maior diversidade de personagens, explorando as várias possibilidades de ser e estar no mundo e contribuindo para o fortalecimento da identidade e autoestima de diversas crianças. Entre as produções, destacam-se os livros que abordam as questões raciais, posicionando os personagens negros como protagonistas de suas próprias histórias e valorizando suas identidades. Essas narrativas promovem uma representação positiva da cultura negra, deixando de limitar-se somente à menção ou discussão sobre o racismo ou aos estereótipos historicamente impostos às pessoas negras, e permitindo que as crianças se reconheçam em histórias que valorizam sua cultura e ancestralidade.

Nos últimos anos, tivemos acesso a obras infantis que retratam personagens negros como protagonistas, valorizando suas características culturais e físicas, sem reduzir suas narrativas ao racismo ou à escravidão e superando o perigo das histórias únicas, como incentiva a escritora feminista nigeriana Chimamanda Adichie. A leitura de obras como *Amoras* (2018), do Emicida, ou *Meu crespo é de rainha* (2018), de Bell Hooks, levou-nos a procurar compreender como essas obras contemporâneas podem impactar a percepção das crianças e a valorização da identidade étnico-racial.

Diante da necessidade de desconstruir preconceitos e valorizar a representatividade nas obras literárias, o objetivo geral deste artigo é compreender como a literatura infantil

contemporânea, com a representação positiva de protagonistas negros, pode contribuir para a valorização da identidade negra, para o letramento racial e para a superação do racismo no país.

Pretendemos promover reflexões sobre letramento racial, educação antirracista e o papel da literatura infantil como espaço simbólico de representação e afirmação, partindo do entendimento de que as experiências de crianças negras em uma sociedade marcada pelo racismo estrutural são atravessadas, desde cedo, por vivências de invisibilização, estigmatização e silenciamento. Nesse contexto, refletir sobre as imagens que circulam na literatura infantil é também pensar nos modos como se constrói o reconhecimento de indivíduos negros em sua pluralidade.

Nessa perspectiva, a literatura infantil pode e deve ser usada como ferramenta de valorização da identidade negra e combate ao racismo, apresentando para as crianças personagens negros em situações e vivências diversas e não apenas como vítimas ou coadjuvantes. Historicamente as representações de personagens negros na literatura infantil brasileira estiveram marcadas por estereótipos, subalternidade e silenciamento devido à supremacia branca, mas observa-se um movimento recente de valorização da identidade negra na literatura e, nos últimos anos, diversos autores e autoras negras têm produzido obras que valorizam a beleza, a ancestralidade, a força e a alegria de personagens negros.

Conferir protagonismo às crianças negras, seja por meio dos livros em que se veem representadas ou nas experiências vividas em sala de aula, é como dar-lhes visibilidade, após tanto tempo distante das narrativas centrais. Como afirma Bell Hooks em um trecho potente do livro *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*:

Idealmente, o que todos nós compartilhamos é o desejo de aprender - de receber ativamente um conhecimento que intensifique nosso desenvolvimento intelectual e nossa capacidade de viver mais plenamente no mundo. Segundo minha experiência, um dos jeitos de construir a comunidade na sala de aula é reconhecer o valor de cada voz individual. [...] Ouvir um ao outro (o som de vozes diferentes), escutar um ao outro, é um exercício de reconhecimento. Também garante que nenhum aluno permaneça invisível na sala (Hooks, 2017, p. 58).

Quando pensamos na literatura infantil com protagonistas negros, procuramos garantir o direito de se ver/fazer visto, de se reconhecer/ser reconhecido, de existir nas páginas com beleza, dignidade e protagonismo. É com esse conjunto de reflexões que se constrói o referencial teórico desta pesquisa, compreendendo que o protagonismo negro na literatura

infantil também atua como uma ferramenta de combate ao racismo e de ampliação de possibilidades para todas as infâncias.

Escrevendo com lápis cor da minha pele

Esta pesquisa, de natureza qualitativa e de abordagem analítico-interpretativa, busca compreender como a literatura infantil contemporânea representa protagonistas negros e de que forma tais representações podem contribuir para uma educação antirracista. Com isso pretende-se interpretar os sentidos, valores e visões de mundo presentes nas obras literárias analisadas, considerando o contexto social e pedagógico da infância e apontando possíveis práticas e mediações pedagógicas adequadas para atingir esse objetivo.

A análise se apoia na leitura crítica de textos teóricos e literários, relacionando-os com questões de identidade racial, representatividade e formação leitora. A abordagem analítico-interpretativa permite olhar para os discursos e imagens das obras com atenção ao seu conteúdo simbólico e à forma como mobilizam afetos, memórias e referências culturais.

A discussão se fundamenta em três eixos principais. Na primeira seção, discute-se a construção da identidade negra a partir de uma perspectiva social e pedagógica, com foco nas experiências da infância e nas relações étnico-raciais no espaço escolar. Destaca-se o papel da Lei 10.639/2003 como instrumento legal e pedagógico de combate ao racismo e de promoção da equidade racial. A seguir, realiza-se a análise de obras literárias infantis com foco nas representações de protagonistas negros, partindo de um breve histórico da presença de personagens negras na literatura infantil brasileira e evidenciando como personagens negros/as eram frequentemente retratados de forma estereotipada, associados à subalternidade, ao escárnio ou ao sofrimento até o início do século XXI. Como exemplos dessas representações limitantes, são abordadas brevemente as personagens Tia Nastácia e a personagem principal da obra *Menina bonita do laço de fita*, que, embora importantes para a memória cultural brasileira, refletem os estigmas raciais impostos às populações negras por muitos anos. A análise concentra-se em duas obras contemporâneas: *Amoras*, de Emicida (2018), e *O Pequeno Príncipe Preto*, de Rodrigo França (2020). A escolha dos livros se justifica por apresentarem protagonistas negros de forma afirmativa, valorizando aspectos como autoestima, pertencimento e ancestralidade, por responderem aos critérios de uma literatura de qualidade, e pela relevância na literatura infantil contemporânea - ambos foram selecionadas para compor o acervo do Programa Nacional do Livro Didático, o PNLD

Literário, nas edições de 2022 e 2023, respectivamente. A última seção propõe reflexões e caminhos para uma educação antirracista a fim de fortalecer a identidade negra nas novas gerações. Os subtítulos do artigo não apenas organizam o conteúdo, mas também narram simbolicamente a trajetória da pesquisa e a luta por reconhecimento e pertencimento.

A metodologia adotada permite articular literatura e educação com o objetivo de pensar caminhos para uma formação leitora mais diversa e inclusiva. A análise das obras não se limita ao seu conteúdo narrativo, mas considera também os aspectos estéticos, simbólicos e pedagógicos, entendendo o livro como um mediador potente na formação da identidade e no enfrentamento do racismo desde a infância.

Ser negro na sociedade brasileira

O racismo surge a partir de uma concepção de hierarquização de raças que categoriza uma raça como superior e outra inferior. Devido ao infeliz passado de colonização e escravização dos povos descendentes da África, que relegou ao negro o lugar da subalternidade, ainda sofremos com o racismo no Brasil nos dias de hoje, que se apresenta tanto de forma explícita quanto velada, inclusive em ambientes que deveriam ser seguros, como a família ou a escola.

A psicóloga e psicanalista Neusa Santos Souza, em sua obra *Tornar-se negro* (2021), traz uma análise profunda sobre os impactos do racismo na subjetividade de pessoas negras, revelando que, muitas vezes, o processo de identificação com a própria negritude é marcado por dor, vergonha e conflito. Souza afirma que “o negro tomou o branco como modelo de identificação, como única possibilidade de “tornar-se gente” [...] ao custo emocional de sujeição, negação e massacre de sua identidade original, de sua identidade histórico-existencial” (2021, p. 46), evidenciando que os padrões de comportamento e pertencimento social sempre foram construídos a partir de uma lógica que privilegia a branquitude.

Em *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato, a personagem Tia Nastácia vivencia uma cena infeliz:

Tia Nastácia não sei se vem. Está com vergonha, coitada, por ser preta. — Que não seja boba e venha — disse Narizinho — eu dou uma explicação ao respeitável público... — Respeitável público, tenho a honra de apresentar [...] a Princesa Anastácia. Não reparem ser preta. É preta só por fora, e não de nascença. Foi uma fada que um dia a pretejou, condenando-a a ficar assim até que encontre um certo anel na barriga de um certo peixe. Então, o

encanto quebrar-se-á e ela virará uma linda princesa loura (Lobato, 1931, p. 206).

Na infância se consolidam os primeiros referenciais identitários e não é incomum ouvir de pessoas negras que os episódios racistas mais traumáticos que vivenciaram aconteceram durante esse momento de vida, como o fato de coleguinhas proferirem ofensas ou recusarem a brincar com as crianças negras, mencionando repulsão à cor da pele ou outros fenótipos negróides, como o tipo de cabelo ou formato do nariz e lábios. Histórias tristes e marcadas pelo racismo, como essas, são experiências coletivas vividas pelos indivíduos negros em nosso país até os dias de hoje.

Luana Tolentino, em sua obra *Outra educação é possível* (2014), afirma que a escola, por estar inserida em uma sociedade racista, reproduz e legitima as práticas discriminatórias, corroborando para que a trajetória de alunos e alunas negras seja difícil e traumática. Apesar disso, é preciso lembrar que nenhuma criança nasce racista, mas ao presenciar práticas e comentários racistas em tom de escárnio, algumas crianças se sentem legitimadas a reproduzir tal comportamento. Djamila Ribeiro, filósofa, ativista e escritora brasileira, afirma que os padrões eurocêntricos são totalmente nocivos para a construção da autoestima da criança negra e por isso é importante que elas tenham referenciais semelhantes a si e entendam que as pessoas negras também pensam o mundo e fazem parte da construção da nossa sociedade.

O conceito de letramento racial foi criado originalmente pela socióloga afro-americana France Winddance Twine em 2003, sob a expressão “racial literacy”. A tradução e introdução do conceito no contexto brasileiro é atribuída à psicóloga e pesquisadora Lia Vainer Schucman, que o empregou em sua tese de doutorado em 2012 no campo da Psicologia Social, analisando especialmente as relações de branquitude e as práticas de desconstrução do racismo por sujeitos brancos.

O letramento racial é baseado na ideia de ampliar a consciência sobre raça, buscando subsídios para compreender aspectos como contexto histórico, implicações e desafios do sujeito negro na sociedade. Essa prática pode ser incorporada também à escola a fim de desconstruir preconceitos invisibilizados no cotidiano.

É importante ressaltar que o letramento racial também é fundamental para as crianças não negras, pois contribui para a formação de leitores mais críticos, empáticos e atentos à diversidade. No livro *O que é lugar de fala*, Djamila Ribeiro reforça a importância dos aliados neste processo:

Numa sociedade como a brasileira, de herança escravocrata, pessoas negras vão experienciar racismo do lugar de quem é objeto dessa opressão, do lugar que restringe oportunidades por conta desse sistema de opressão. Pessoas brancas vão experienciar do lugar de quem se beneficia dessa mesma opressão. Logo, ambos os grupos podem e devem discutir essas questões, mas falarão de lugares distintos (Ribeiro, 2017, p.15).

Nesse sentido, a literatura se apresenta como um espaço privilegiado para o exercício do diálogo, da crítica e da transformação. Como afirma Antonio Candido, a literatura “confirma e nega, propõe e denuncia, apóia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominante” (Candido, 1988, p. 175). Assim, reconhecer e valorizar a produção literária que nasce dos movimentos de resistência e afirmação negra é fundamental para promover uma educação verdadeiramente antirracista e plural, capaz de enfrentar os desafios históricos e sociais que marcam a experiência de ser negro no Brasil.

Os primeiros livros: o histórico da representação negra na literatura infantil brasileira

Por muitos anos poucas eram as referências de personagens negros na literatura infantil de ampla repercussão, como o caso da personagem do Sítio do Pica Pau Amarelo, Tia Nastácia - também em *Histórias de Tia Nastácia*, criação de Monteiro Lobato (1937) - e *Menina bonita do laço de fita*, de Ana Maria Machado (1986). Ambas, apesar de representarem personagens negros à luz da época em que foram escritos, ou seja, em uma sociedade ainda mais racista, suscitam questões que valem ser problematizadas.

Tia Nastácia é uma personagem caricata que carrega todos os estereótipos de “Mãe Preta”, um termo que se refere às mulheres negras, muitas vezes com um significado que remete à figura da ama de leite que amamentava os filhos dos senhores brancos durante a escravidão no Brasil. Era uma mulher sem escolaridade, boa cozinheira e ocupante de uma posição servil, sempre à disposição dos sujeitos brancos para quem trabalhava como empregada doméstica. Em diversos momentos na obra há termos e expressões racistas usadas para descrevê-la fisicamente e em sua posição social, como “negra beijuda” e “crioula”, além de piadas ofensivas sobre seu medo ou ignorância.

No caso de *Menina bonita do laço de fita*, a narrativa é centrada em torno de um coelho branco que deseja ser preto como a personagem principal. A beleza da personagem,

então, só é validada a partir do olhar e do desejo do outro, que é, inclusive, um sujeito branco. A menina não apresenta ter consciência racial, pois busca na tinta preta, no café e na jabuticaba, motivos para explicar sua cor de pele. A mãe da personagem faz uma breve menção à avó negra⁵, mas, de forma geral, a narrativa limita a negritude apenas à questão da cor, reduzindo toda a complexidade do sujeito a um corpo.

Conforme Debus, “a representação de uma personagem negra em um livro para crianças não garante que este discurso trará noções de pertencimento (afirmação de uma identidade)” (2013, p. 6), mas a influência da obra literária, quando pensada e escrita de maneira intencional, acontece de forma potente:

[...] A obra literária exerce no leitor um “poder”, seja negativo, seja positivo. No primeiro caso, ao trazer para o leitor personagens submissas, sem noção de pertencimento, desfiguradas de sua origem étnica, não há ampliação do seu repertório cultural, o que colabora para uma visão deturpada de si e do outro. Por outro lado, a identificação com personagens conscientes de seu papel social, de suas origens, e respeitosos diante da pluralidade cultural acena para uma relação de respeito ao outro (Debus, 2007, p. 268).

A Lei 10.639/03, promulgada em 2003, alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) para tornar obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira em todas as escolas do país, públicas e privadas, abrangendo conteúdos sobre a África e as contribuições da população negra para a formação da sociedade brasileira.

Essa legislação representa uma conquista histórica do Movimento Negro, pois visa romper com o silenciamento e a invisibilidade da população negra nos currículos escolares, promovendo uma educação plural e comprometida com a valorização da diversidade étnico-racial. O desafio está em promover uma transformação profunda, capaz de questionar paradigmas eurocêntricos e romper com o silenciamento histórico das experiências e saberes negros na educação brasileira. Trata-se de um movimento de descolonização curricular, que

⁵ Ao final do livro, a mãe da personagem afirma que sua cor é graças às “artes de uma avó preta”, sem maiores detalhes. Araújo, Silva e Ferrando, no artigo O protagonismo negro na leitura infantil: resultados de pesquisas (2018), problematizam tal colocação: “Mas o que seriam as artes da avó? A narrativa não explora tal aspecto. Os sentidos fornecidos pelo texto possibilitam inferir sobre os contextos sexuais e reprodutivos da ‘avó preta’ que, por ter feito ‘arte’, teria dado à luz a uma menina ‘mulata’, ou seja, fruto de um relacionamento inter-racial. [...] A palavra ‘artes’ também pode ser explorada em uma conotação negativa referindo-se à ‘bagunça’, coisa errada. No universo infantil pode significar que a avó fazia algo considerado errado, inaceitável. Seguindo o percurso de análise, a menina descobre suas raízes étnico-raciais, entende que sua cor é resultado de sua composição familiar quando sua mãe lhe mostra uma foto da avó. [...] Não há, na narrativa, elementos que sugiram um fortalecimento do seu pertencimento étnico. Assim sendo, apesar de alguns elementos de valorização, essa obra pode não colaborar efetivamente para a construção de uma identidade negra positiva” (Araújo, Silva, Ferrando, 2018, p.6).

exige o reconhecimento da pluralidade de vozes, a valorização das culturas silenciadas e a construção de práticas pedagógicas antirracistas.

É nesse contexto que se insere a análise das obras *Amoras*, de Emicida, e *O Pequeno Príncipe Preto*, de Rodrigo França, que serão analisadas adiante. Ambas exemplificam como a literatura pode ser um instrumento potente de letramento racial, valorização da ancestralidade e promoção do pertencimento, reafirmando o papel da representatividade para a formação de todas as infâncias.

Protagonistas negros na literatura infantil contemporânea: do estereótipo à valorização - uma amostra

Com a implementação da Lei 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira no currículo oficial da rede básica, e o fortalecimento das políticas de valorização da cultura afro-brasileira no campo da educação, notou-se um aumento significativo na publicação e na circulação de livros com protagonistas negros e complexidade narrativa nos últimos anos. A literatura com personagens negros passou de uma presença esporádica, muitas vezes marcada por estereótipos, para uma produção mais plural e positiva, ampliando discussões sobre identidade, cultura, ancestralidade e estética negra. Nesse cenário, *Amoras* e *O Pequeno Príncipe Preto* se apresentam como ferramentas educativas fundamentais ao favorecer o desenvolvimento do letramento racial desde a infância.

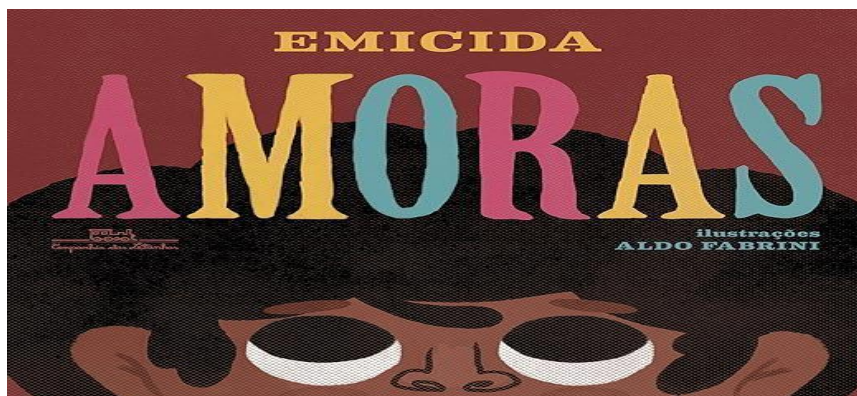
A escolha das obras se baseou nos seguintes critérios: ambas apresentam protagonistas negros em posição de centralidade e afirmam a beleza, as particularidades e a ancestralidade presentes em suas infâncias, sendo possível estabelecer um diálogo direto com o conceito de letramento racial; são livros contemporâneos, lançados respectivamente em 2018 e 2020 e selecionados para o Programa Nacional do Livro Didático, o PNLD Literário⁶ nas edições de

⁶ O PNLD Literário, parte do Programa Nacional do Livro e do Material Didático, é uma iniciativa do governo federal que avalia e distribui gratuitamente obras literárias, didáticas e pedagógicas para escolas públicas de educação básica em todo o Brasil. A seleção das obras ocorre por meio de editais públicos lançados pelo Ministério da Educação, nos quais editoras inscrevem seus livros e especialistas independentes avaliam o conteúdo pedagógico e literário conforme critérios definidos previamente e, após a aprovação, as escolas e professores escolhem os títulos que melhor atendam às suas necessidades. O PNLD Literário foi criado em 2017, quando o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) foi incorporado ao PNLD pelo Decreto nº 9.099, consolidando a distribuição de obras literárias no âmbito do programa.

2022 e 2023, compondo o acervo de obras recomendadas para a Educação Infantil e Ensino Fundamental, em escolas públicas do Brasil. *Amoras* também foi finalista do Prêmio Jabuti de Literatura em 2020.

A questão da qualidade literária também foi considerada na seleção dos livros. Ana Carolina Carvalho e Josca Ailine Baroukh, no livro *Ler antes de saber ler: oito mitos escolares sobre a leitura literária* (2018), indicam alguns critérios que precisam ser considerados a fim de escolher obras com qualidade: as obras devem primar pela riqueza de detalhes, informações, linguagem e a forma utilizada para apresentar os personagens e o cenário, a fim de envolver e cativar o imaginário do leitor; não devem menosprezar a capacidade de entendimento da história, ou seja, temas fraturantes (como racismo, separação dos pais ou morte, por exemplo) ou palavras pouco comuns não são evitadas na literatura infantil; devem indicar autor, ilustrador e editora, revelando comprometimento e reconhecimento dos criadores das narrativas; o projeto gráfico deve considerar a escolha das fontes, cores, formatos, papel, técnicas de ilustração, pois tudo faz parte do projeto de leitura do livro; deve considerar as crianças como interlocutoras, abordando aspectos que elas possam dialogar a partir de suas próprias experiências e promovendo identificação e ampliação de olhares para o mundo e para si mesmas.

Figura 1: *Amoras*



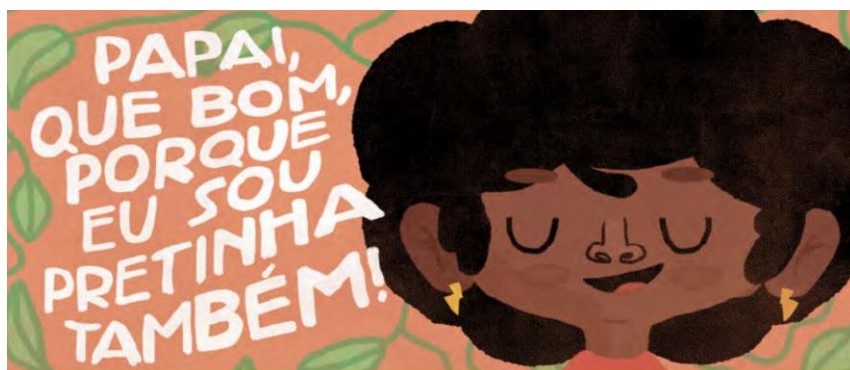
Fonte: Companhia das Letrinhas (2018)

A obra *Amoras*, escrita pelo rapper Emicida e ilustrada por Aldo Fabrini, foi publicada em 2018 pela editora Companhia das Letrinhas. O livro, escrito em forma de poema, foi inspirado em uma conversa que o autor teve com sua filha. A menina negra, protagonista da história, é retratada pelo ilustrador Aldo Fabrini com cabelos crespos volumosos, olhos grandes e vestes coloridas, reforçando uma estética positiva, alegre e cheia de identidade. A

escolha por não nomeá-la ou descrevê-la em excesso convida o leitor a se identificar livremente com ela.

Diferentemente do clássico *Menina bonita do aço de fita*, em *Amoras* vemos a importância da consciência racial: o livro cita elementos e personagens constituintes da cultura negra, como Obatalá, Ala, Martins Luther King, Zumbi dos Palmares e Malcolm X. As referências aparecem de forma lúdica, como sementes lançadas às crianças, que poderão aprofundar essas descobertas ao longo da vida. A constatação da personagem ao final (“que bom, porque eu sou pretinha também!”) demonstra uma percepção racializada de si mesma e, também, orgulho por sua cor e ancestralidade:

Figura 2: destaque do livro *Amoras*



Fonte: Companhia das Letrinhas (2018)

Amoras é uma ode à representatividade: cada traço afirma a beleza negra com delicadeza e força, em sintonia com o texto. É uma obra que convida à valorização da identidade negra e à ampliação do olhar de crianças sobre o que é belo e constituinte da história da humanidade. As páginas finais o livro trazem um pequeno glossário com a definição dos termos Obatalá, Orixá, África, Alá, Martin Luther King, Zumbi dos Palmares e Quilombo, facilitando a compreensão de leitores e mediadores de leitura que porventura não tenham conhecimento prévio sobre tais elementos da cultura negra.

O livro também aposta em elementos gráficos que chamam a atenção, como palavras destaque com variações de fonte e disposição na página, o que convida à leitura performática — como se fossem faladas, cantadas ou declamadas. Hércules Tolêdo Corrêa reitera a importância das ilustrações nos livros infantis no artigo *Qualidade estética em obras para crianças*:

Embora o texto escrito possa ter sido gerado antes das imagens, no processo de produção do livro, no momento de sua leitura, ambos são processados conjuntamente pelo leitor e não há como atribuir predominância de um sobre o outro, se se propõe uma leitura e/ou uma mediação da leitura que procure(m) dar conta do todo. O sujeito alfabetizado e letrado não lê e aprecia apenas um dos modos de linguagem de uma obra, mas todos os modos, de maneira holística. Noutras palavras, a experiência estética é de uma leitura global, que capta os diferentes modos, não atribuindo a um ou outro uma importância maior (Corrêa, 2008, p. 96).

As rimas e as próprias disposições dos elementos nas páginas dão a impressão de que o autor quis trazer a musicalidade do *rap* para a obra. Há também uma versão animada do livro disponível no YouTube, narrada pelo Emicida, que pode ser acessada no *link* <<https://www.youtube.com/watch?v=Avt7s8XgDjs>>. Acesso em: 22 jun. 2025.

Figura 3 e 4: *O Pequeno Príncipe Preto* e *O Pequeno Príncipe Preto para Pequenos*



Fonte: Nova Fronteira (2020 e 2021)

Publicado em 2020, *O Pequeno Príncipe Preto*, de autoria de Rodrigo França e ilustrações de Juliana Barbosa Pereira, apresenta uma releitura crítica, afetuosa e politizada do clássico francês *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry. O livro, adaptado de um espetáculo que ficou por um ano em cartaz e foi prestigiado por mais de 60 mil espectadores, também tem uma versão lançada em 2021 para leitores mais novos (0 a 4 anos), intitulada *O Pequeno Príncipe Preto para Pequenos*. Para fins de análise neste trabalho, será considerada a primeira edição do livro, para leitores já alfabetizados, a partir dos 6 anos.

Na obra, o protagonista é um menino negro que viaja entre planetas, levando perguntas, ideias e valores — mas, acima de tudo, carregando a ancestralidade e a esperança. A linguagem do livro é poética, com frases marcadas por oralidade. O menino aparece com traços e cabelo crespo definidos, em meio a cores suaves e gestos leves. Em determinado

momento, o personagem menciona seus traços físicos com grande orgulho: “A minha pele é da cor desse solo. Quando eu rego fica mais escuro, cor de chocolate, de café quentinho” e “A minha boca é grande e carnuda [...] eu tenho nariz de batata. Eu adoro batata e adoro meu nariz”.

O personagem carrega consigo mudas da árvore baobá e as espalha pelos outros planetas que conhece. O baobá é um símbolo de sabedoria e ancestralidade africana e aqui aparece em referência direta à rosa da clássica obra francesa, mas representando o amor e a conexão com a terra, com os que vieram antes e com os que ainda virão. Na obra também há menções à ancestralidade direta (pais, avós, bisavós e tataravós), aos orixás cultuados nas religiões afro-brasileiras, Iansã e Xangô, e ao Ubuntu, filosofia africana originária dos povos Bantu, que significa “eu sou porque nós somos” e expressa a ideia de que as pessoas devem viver coletivamente, cultivando empatia e ao respeito pelo outro.

No canal do YouTube de Rodrigo França há um vídeo apresentando as duas versões da obra. Para acessar, consultar o *link*: <https://www.youtube.com/watch?v=46q1DKJTDLM>. Acesso em: 22 jun. 2025.

Para fins de análise das obras foi feito um quadro comparativo com as principais informações contidas nos dois livros:

Quadro 1: Comparativo das características identitárias de *Amoras* e de *Pequeno Príncipe Preto*

	<i>Amoras – Emicida</i>	<i>O Pequeno Príncipe Preto - Rodrigo França</i>
Protagonista	Menina negra	Menino negro
Narrador	Terceira pessoa	Primeira pessoa
Caracterização física	Pretinha como as doces amoras (atribuições do texto)	Apreço pelo cabelo, cor de chocolate e café, boca grande e carnuda, nariz de batata (atribuições do texto)
Assuntos principais	Autoestima, identidade negra, ancestralidade e orgulho racial	Autoestima, identidade negra, ancestralidade, pertencimento, importância do coletivo (filosofia Ubuntu) e resistência

Ancestralidade e religiosidade	Referência a orixás africanos (Obatalá e Ala); ancestralidade simbólica como força de identidade coletiva	Referência a orixás afro-brasileiros (Iansã e Xangô); menção direta a pais, avós, bisavós e tataravós; referência simbólica ao baobá
Antecedentes e referências históricas	Zumbi dos Palmares, Malcolm X, Martin Luther King	Não há menções a figuras históricas específicas
Faixa etária indicada	A partir de 3 anos	A partir de 6 anos
Indicação no PNLD	PNLD Literário 2022 - Educação Infantil	PNLD Literário 2023 - Ensino Fundamental
Ano de publicação	2018	2020
Editora	Companhia das Letrinhas	Nova Fronteira

Fonte: *Amoras – Emicida & O Pequeno Príncipe Preto - Rodrigo França*

As duas obras analisadas, *Amoras* e *O Pequeno Príncipe Preto*, distanciam-se das representações estereotipadas e da presença rasa e subalterna de personagens negros, oferecendo às crianças a possibilidade de se verem refletidas como protagonistas de histórias sensíveis, alegres, filosóficas e carregadas de ancestralidade. Ambos os livros constroem personagens negros com profundidade e beleza, convidando o leitor a enxergar a si mesmo com orgulho e encantamento. As escolhas narrativas dos autores, o cuidado com as ilustrações, a linguagem poética e o conteúdo simbólico revelam um compromisso com a formação de leitores críticos. As duas obras também estão alinhadas às diretrizes da Lei 10.639/03, promovendo a valorização da cultura afro-brasileira e africana.

A escolha de dois livros deu-se pelas limitações deste trabalho, mas é importante ressaltar que atualmente existem muitas outras obras que apresentam personagens negros em vivências plurais, que rompem com o silêncio e os estereótipos, em histórias em que ser negro também é ser belo, forte, criativo, amoroso, curioso, sonhador. Histórias em que a cor da pele não é um fardo, mas motivo de orgulho. Essa pluralidade é essencial para superar o que a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie chamou de “o perigo de uma história única”, em livro homônimo (2019) — a tendência de contar sempre o mesmo tipo de narrativa sobre um povo, uma cultura ou uma identidade. Quando ouvimos repetidamente apenas um tipo de história sobre pessoas negras — seja marcada pela dor, pela pobreza ou pela subalternidade

Revista *Devir Educação*, Lavras, vol.10, n.1, e-1196, 2026.

— corremos o risco de reduzir vidas complexas a uma única dimensão, negando a riqueza, a diversidade e a humanidade desses sujeitos. A literatura infantil, portanto, pode oferecer às crianças diversas histórias, em que a negritude seja pautada da maneira múltipla como se é.

Práticas adequadas de leitura e mediação literárias para *enegrecer* o futuro: reflexões e caminhos para uma educação antirracista

A literatura infantil com protagonismo negro não é apenas uma ferramenta de valorização da identidade racial, mas uma estratégia poderosa para o desenvolvimento de leitores mais conscientes, críticos e conectados à diversidade. A partir da análise das obras *Amoras*, de Emicida, e *O Pequeno Príncipe Preto*, de Rodrigo França, percebemos que é possível apresentar às crianças narrativas que celebram a negritude com alegria e beleza, evidenciando as vivências negras para além do sofrimento e exaltando os cabelos crespos, os variados tons de pele negra, os saberes ancestrais e as formas de existir no mundo.

Nossas práticas pedagógicas também devem considerar a representatividade negra na literatura infantil, a fim de auxiliar no fortalecimento da identidade e pertencimento das crianças negras no ambiente escolar. Além disso, atividades como rodas de leitura, mediação de debates sobre as obras, produção de desenhos e reescrita de histórias permitem que as crianças se reconheçam como protagonistas e ampliem sua compreensão sobre a diversidade étnico-racial, dando um passo a mais para além da leitura das obras.

No entanto, a existência dessas obras não é suficiente por si só. É preciso que os professores e a gestão das escolas assumam uma postura ativa, engajando-se verdadeiramente na criação de um currículo, projetos político-pedagógicos e políticas educacionais alinhados à superação da desigualdade racial de forma contínua, posicionem-se de maneira contrária às situações de discriminação e preconceito, ampliem seus repertórios e busquem referências negras a fim de oferecer às crianças oportunidades de se reconhecerem — e de reconhecerem o outro — em sua complexidade. Como aponta Gomes (2011, 2012), o compromisso com uma educação antirracista exige a revisão crítica do currículo, o acesso a tais discussões na formação inicial e continuada dos professores e o uso intencional da literatura como espaço de luta simbólica e política.

As ações afirmativas em prol da reparação da desigualdade racial também são muito bem-vindas. Alguns exemplos importantes são a Lei 10.639/03, sobre a qual discutimos

anteriormente neste trabalho, além das seguintes: 1) Lei 11.645/08, que torna obrigatório o estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio; 2) Lei 12.711/12, que dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências; 3) Lei 12.990/14, que reserva aos negros 20% das vagas oferecidas nos concursos públicos para provimento de cargos efetivos e empregos públicos no âmbito da administração pública federal, das autarquias, das fundações públicas, das empresas públicas e das sociedades de economia mista controladas pela União).

Outras ações também podem configurar práticas antirracistas importantes e que devem ser fomentados por todos, indo além do ambiente escolar, como o acompanhamento e cobrança por parte da sociedade civil para que as leis mencionadas sejam efetivamente cumpridas, a participação em cursos formativos ou grupos de estudo que discutam a temática étnico-racial, a existência de editoras voltadas para a publicação de autores negros, como as editoras Pallas, Mazza e Malê, ou a criação de iniciativas como o Coletivo Iabas (<https://www.instagram.com/coletivoiabas>) ou os projetos Pretinhas Leitoras (<https://www.instagram.com/pretinhasleitoras>) e Histórias Não Contadas (<https://www.instagram.com/projetohnc>), que promovem conteúdos e contação de histórias com protagonismo negro para crianças e famílias.

Ao oferecer às crianças negras histórias que afirmam suas origens e suas vozes, estamos contribuindo para a construção de uma infância mais potente e plural. E esse é um dos nossos papéis: “Quando nós, como educadores, deixamos que nossa pedagogia seja radicalmente transformada pelo reconhecimento da multiculturalidade do mundo, podemos dar aos alunos a educação que eles desejam e merecem” (Hooks, 2017, p. 63). Pais e mães também são importantes aliados nessa luta.

A literatura infantil com protagonistas negros não trata apenas de identidade racial, ela também se relaciona de maneira interseccional com outros temas, como território, ancestralidade e religiões, propondo uma educação que considere as múltiplas camadas que constituem os sujeitos. Que este trabalho sirva de estímulo para a ampliação de práticas pedagógicas comprometidas com a valorização da representatividade negra desde a infância. E que a literatura continue sendo uma via para que todas as crianças possam se reconhecer nos livros, fortalecendo a autoestima e imaginação, e contribuindo para a construção de uma sociedade representada em sua pluralidade.

Referências

ADICHIE, Chimamanda. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ANGELOU, Maya. **Eu sei por que o pássaro canta na gaiola**. São Paulo: Astral Cultural, 2018.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996 [...] para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 11 mar. 2008.

BRASIL. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 30 ago. 2012.

BRASIL. **Lei nº 12.990, de 9 de junho de 2014**. Reserva aos negros 20% (vinte por cento) das vagas oferecidas nos concursos públicos... Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 10 jun. 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018 . Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 20 de jun. de 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD)**. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/busca-geral/318-programas-e-acoes-1921564125/pnld-439702797/12391-pnld>. Acesso em: 22 jun. 2025.

CARVALHO, Ana Carolina; BAROUKH, Josca Ailine. **Ler antes de saber ler: oito mitos escolares sobre a leitura literária**. São Paulo: Panda Educação, 2018.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 169–191.

COLETIVO IABAS. **Instagram: @coletivoiabas**. Disponível em: <https://www.instagram.com/coletivoiabas>. Acesso em: 22 jun. 2025.

CORRÊA, Hércules Tolêdo. **Qualidade estética em obras para crianças**. In: PAIVA, A.; SOARES, M. (orgs.). *Literatura Infantil: políticas e concepções*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 91-109.

CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010.

DALCASTAGNÊ, Regina. **Quem é e sobre o que escreve o autor brasileiro**. [Entrevista concedida a] Amanda Massuela. Revista Cult, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/quem-e-e-sobre-o-que-escreve-o-autor-brasileiro/>. Acesso em: 08 jun. 2025.

DEBUS, Eliane S. D. **A representação do negro na literatura para crianças e jovens: negação ou construção de uma identidade?** In: AZEVEDO, Fernando (Coord.). *Imaginário, identidades e margens: estudos em torno da literatura infanto-juvenil*. Gaia, Po: Gailivro, 2007.

DEBUS, Eliane. **A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura infantil de Júlio Emílio Braz**. Texto publicado no livro *Tecendo literatura: entre vozes e leituras*. Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC. 2013.

EMICIDA. **Amoras**. Ilustrações de Aldo Fabrini. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018.

EMICIDA. **Emicida - Livro "Amoras" - Versão Animada**. YouTube, 2018. Vídeo (59s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Avt7s8XgDjs>. Acesso em: 22 jun. 2025.

FRANÇA, Rodrigo. **O Pequeno Príncipe Preto**. Ilustrações de Juliana Barbosa Pereira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

FRANÇA, Rodrigo. **O Pequeno Príncipe Preto para pequenos**. Ilustrações de Juliana Barbosa Pereira. São Paulo: Nova Fronteira, 2021.

FRANÇA, Rodrigo. **O Pequeno Príncipe Preto para pequenos**. YouTube, 2021. Vídeo (2min32s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=46q1DKJTDLm>. Acesso em: 22 jun. 2025.

GOMES, Nilma Lino. **Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos**. *Currículo sem Fronteiras*, v.12, n.1, pp. 98-109. 2012.

GOMES, Nilma Lino. **Diversidade étnico-racial, inclusão e equidade na educação brasileira: desafios, políticas e práticas**. RBPAE – v.27, n.1, p. 109-121, jan./abr. 2011.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. **Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica**. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.31, n.1, p. 77-89, jan./abr. 2005.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

LOBATO, Monteiro. **Histórias de Tia Nastácia**. São Paulo: Ed. Nacional, 1937.

LOBATO, Monteiro. **Reinações de Narizinho**. São Paulo: Ed. Nacional, 1931.

MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita**. Ilustrações de Claudius. São Paulo: Melhoramentos, 1986.

PRETINHAS LEITORAS. **Instagram: @pretinhasleitoras**. Disponível em: <https://www.instagram.com/pretinhasleitoras/>. Acesso em: 22 jun. 2025.

PROJETO HISTÓRIAS NÃO CONTADAS. **Instagram: @projeto hnc**. Disponível em: <https://www.instagram.com/projetohnc/>. Acesso em: 22 jun. 2025

RIBEIRO, Djamila. **Entrevista: Djamila Ribeiro e “O olho mais azul”**. Blog TAG Livros, 2021. Disponível em: <https://www.taglivros.com/blog/entrevista-djamila-ribeiro-tag-livros/>. Acesso em: 13 jun. 2025.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Coleção Feminismos Plurais. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

TOLENTINO, Luana. **Outra educação é possível: feminismo, antirracismo e inclusão em sala de aula**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.

Recebido: março/2026

Aprovado: maio/2026

Publicado: junho/2026